

## **ENAPOL 2017- Assuntos de Família, seus enredos na prática.**

**Responsável: Marta Goldenberg**

**Integrantes: Luciana Rolando, Camila Gonzalez Quiroga, Natali Ivanier, Analía Vidal, Claudia Lijtinstens e Mariano Ambrosino.**

### **Mães sozinhas com filhos sem pai**

Em nosso grupo nos dispomos a investigar cada um dos significantes que organizam esse sintagma, visando localizar, além do fenomênico, as coordenadas conceituais das quais se parte para explorar o tema. Os integrantes produziram diferentes contribuições que se articulam nesta investigação, sempre em andamento.

Interrogamo-nos o que é ser pai e mãe hoje, aproximando-nos da função de um filho no marco de algo que se constituirá como um assunto familiar.

A existência de uma criança como tal institui uma família, poderíamos dizer que é preciso um filho para se construir e inventar a família na maneira de seu sintoma, amarrando de modo inédito e singular as relações parentais e a sexualidade.

Mas, o que é uma família?

Jacques-Alain Miller diz que a família tem sua origem no mal-entendido, e que não esta formada pelo pai, mãe e filhos, mas que sua constituição tem de se revisar, no entanto é feita pelo Nome-do-pai, o Desejo da Mãe e os objetos “a”.

Jacques Lacan em 1980, antes de viajar a Caracas, dizia que era “um traumatizado pelo mal-entendido” e que a psicanálise conta com a façanha *de explorar* o mal-entendido com uma revelação final que é o fantasma. Acrescenta que o mal-entendido tem suas raízes aí desde antes de gaguejar. O falasser nasce de um mal-entendido consumado. Nessa classe Lacan localiza a origem da família num diálogo inexistente embora se inscreva na simbolização.

Por que o mal-entendido deveria ser traumático para o sujeito? Em primer lugar porque faz aparecer uma fratura na significação, faz aparecer o sem-sentido no sentido. O inesperado, o que acreditamos ter compreendido é um tropeço com o real, diz J. Lacan no Seminário 11. Não há trauma sem linguagem e não há linguagem sem trauma. A linguagem então implica a experiência traumática sentida no corpo e o mal-entendido se introduz no campo do gozo.

Lacan diz que somos falados e, devido a isso, fazemos das casualidades que nos empurram alguma trama, trama que chamamos de destino. Á vez que nos propõe não conformar-se em ser falado por isso que faz família, já que é o sujeito do gozo quem sustenta o segredo familiar, o qual refere ao gozo de cada um. Seguindo as indicações de J-A Miller, nas curas que dirigimos tentamos que o paciente não se estanque nas águas do edípico, mas que possa desembrulhar-se do mal-entendido e aceda a sua própria consistência singular do sinthoma.

Propomos pontos para a conversação. No seu modo, cada um tem funcionado como balizas neste percorrido, desprendendo do fenomênico, algumas elaborações para assinalar e poder pensar suas consequências na clínica:

## 1- Mães sozinhas e estragos subjetivos

Perante o eixo: “Mães sozinhas”, vemos que já implica a falta de divisão entre a mãe e a mulher, e por outro lado, a segunda parte do sintagma: “com filhos sem pai”, podemos pensar uma dupla vertente na falha da metáfora paterna. Na primeira, a falta do pai, que seria o veículo de tal função de divisão, embora não seja o garante. E na outra vertente, na qual assinala à “mãe sozinha”, nada remete ai à mulher nem a que seu desejo seja orientado para um homem.

Poderíamos introduzir assim, a questão do estrago desde Freud, em relação à dificuldade de uma mulher em se orientar para um homem pela primitiva vinculação com sua própria mãe: “... Tive de aceitar até a possibilidade de que muitas mulheres fiquem detidas na primitiva vinculação com a mãe, sem alcançar jamais uma genuína reorientação para o homem”.

Isso implicaria pensar o estrago da mulher em relação a sua própria mãe, assunto que com certeza terá efeitos na relação à eleição de um homem e no lugar que possa ocupar seu próprio filho. Para avançar um pouco mais podemos tomar o que Lacan coloca em “O aturdido”, ele diz: “[...] a elucubração freudiana do complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida, contrasta dolorosamente com a realidade de devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe, de quem como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai”.

Desde seus primeiros seminários Lacan distingue a mãe da mulher. No Seminário 5 diz: “A mãe é uma mulher que supomos haver chegado à plenitude de suas capacidades de voracidade feminina”.

Sobre essa voracidade da mãe no Seminário 17 situa o desejo da mãe como a boca do crocodilo, e o falo como um rolo de pedra que não permite essa boca fechar. Ali disse “o desejo da mãe [...] carrega sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão – a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo fechar a sua bocarra”. Isso é o desejo da mãe. Uma maneira de inconsistir essa boca de crocodilo é que na mãe possa habitar uma mulher. A propósito da divisão mãe e mulher, Miller assinala: “a mãe só é suficientemente boa se não o é em demasia, se os cuidados que ela dispensa à criança não a desviam de desejar enquanto mulher”.

Neste sentido, implica que o desejo da mãe como mulher exceda ao filho, isto quer dizer o que Lacan traduz com a questão que introduz o x, ou volta como enigma na criança: “O que quer essa mulher aí? Eu bem que gostaria que fosse a mim que ela quer, mas está muito claro que não é só a mim que ela quer”.

Introduzindo essa divisão do desejo, em “De uma questão preliminar...”, Lacan introduz a fórmula da metáfora paterna, esclarecendo que para que seja efetiva a função do pai é necessário que ela promova algo desse lugar, diz assim: “... do lugar que ela reserva ao Nome-do-Pai na promoção da lei”.

Miller esclarece, no entanto sobre a divisão do desejo que introduz a metáfora paterna: “A metáfora paterna remete, a meu ver, a uma divisão do desejo a qual impõe nessa ordem do desejo, que o objeto criança não seja tudo para o sujeito materno. Quer dizer que há uma condição de não-tudo, (...) mas que o desejo da mãe deve se dirigir para um homem e ser atraído por ele”. A criança então, não só preenche, mas também divide. E que ela divide é essencial. O que ocorre quando a criança não divide? “ou ele sucumbe como dejetos do par genitor, ou, então, entra com a mãe numa relação dual que o alicia - para empregar o termo de Lacan - o alicia com fantasia materna”. E acrescenta: “As

devastações subjetivas que podem decorrer dessa dileção materna exclusiva sobre uma criança repercutem muito mais do que a negligência da mulher que trabalha, que alguns políticos, na França e em outros lugares, dizem ser uma grave ameaça para a família”.

Para concluir esse ponto, citamos a J-A. Miller: “O Nome-do-Pai e o respeito pelo Nome-do-Pai não bastam; é preciso, ainda, que seja resguardado o não-todo do desejo feminino e que, portanto, a metáfora infantil não recalque, na mãe, seu ser mulher”.

## 2-Sem pai e pêre-versão

O que podemos dizer da questão do pai para a Psicanálise? Podemos dizer filho sem pai ou vice-versa?

Neste ponto resulta útil a referência de Lacan em “Duas notas sobre a criança”. Ele diz: “A função de resíduo exercida (e ao mesmo tempo, mantida) pela família conjugal na evolução das sociedades destaca a irredutibilidade de uma transmissão – que é de outra ordem que não a da vida segundo as satisfações das necessidades, mas é de uma constituição subjetiva, implicando a relação com um desejo que não seja anônimo”.

Por outro lado, o pai no ensino de Lacan pode se abordar de acordo com a época e os envolvimentos que o acompanham em cada momento.

Poderíamos situar primeiro o pai como função, como Nome-do-Pai, metaforizando o Desejo da mãe e dando ao gozo seu lugar fálico. Trata-se do pai como função, o pai morto, correlato da concepção do significante como vazador de gozo. Deste lado também podemos situar o necessário, tanto como universal lógico, ao dizer “existe ao menos Um”...

Nesta primeira concepção o pai é definido a partir da mãe. Por outro lado encontramos outra série de definições do pai em Lacan, conforme avançamos em seu ensino. No seminário 19 há um jogo entre o *e-pater* e o *impacto do pai*<sup>1</sup>. Pai seria aquele que produz um impacto em seus filhos. Fato que constatamos na clínica, se tal impacto se produz ou não.

Nessa via, no seminário 22, a questão do pai aparece, não em relação ao “para todos”, mas a partir de sua exemplificação. Diz ali J. Lacan “ele só pode ser modelo da função realizando seu tipo. (...) isto é, que sua causa seja uma mulher que ele tenha conseguido para lhe dar filhos, e que a esses, querendo ou não, dispense cuidados paternos”.

Trata-se assim, não do pai morto, mas do *pai vivo*, pensado a partir da contingência de fazer de uma mulher objeto causa de seu desejo. Lacan fala da pêre-versão, a versão do pai definida, não a partir da mãe, mas de uma mulher.

Com a segunda série de referências, poderemos localizar o que faz de broche, de limite, no corpo de cada sujeito. Aquilo que produz uma borda no gozo, pensado a partir da singularidade de cada caso.

*Mães sozinhas com filhos sem pai* têm existido sempre. O que muda então, e o que não muda nestes novos *modos de fazer Família*?

---

<sup>1</sup>NT: Lacan cria o neologismo produzido a partir do verbo *épater* [assombrar, surpreender], cria o *épater*, o pai que assombra cuja função seria espantar.

Partimos de que a criança é um objeto de gozo na qual pode se aceder sem a mediação de um homem desejante ou também em casos nos quais o homem/pai está, mas não toma sua função como relevo, ficando a criança à mercê da justiça e sendo objeto desta.

Chegamos neste ponto no qual “o pai borrado” é um efeito da época, não só da queda do Nome do Pai, mas o pai “borrado” ou “desfigurado” para tomar a questão da *Figura*, a qual é interessante pensar que talvez não tocasse apenas à função, mas a figura do homem e daquelas mães sozinhas tomando o relevo de levar a família para frente, no entanto com essa “desfiguração” acode-se de direito para que *figure* algo daquilo.

Entre essas mutações da ordem simbólica, primeiramente a principal, a saber, o declínio do patriarcado. O pai, no último ensino de Lacan, não é o que era em seu primeiro ensino. O pai tornou-se uma das formas do sintoma, um dos operadores suscetíveis de operar uma amarração dos três registros. Dito de outra maneira, sua função, que foi eminente, se degradou à medida em que os constrangimentos naturais foram rompidos pelo discurso da ciência. Como disse J. -A. Miller, estamos ante o *afundamento do Nome do Pai*.

### **3- Direito a ser Mãe- Progenitor afim**

Estamos numa época na qual o falasser começa a fazer uso inédito do imaginário, o que nos enfrenta com novos desarranjos e arranjos sintomáticos que chegam a nossos consultórios.

J. Lacan fala do empurre à técnica e à ciência, como uma tentativa de obturar isso que não existe e o que não funciona, a relação sexual que não há.

No mesmo sentido, *o jurídico hoje*, tem se transformado em um *sistema de semblantes, de significantes que tentam ordenar gozo de maneira artificial*.

Deste modo surge em nossa sociedade o empurre à judicialização dos laços sociais. Como se tudo o que antes podia estar regulado pelo *pater familia*, ou por qualquer outro significante em particular, procura às cegas uma regulação pela via das leis civis, os juízos de reclamações proliferam porque algo não funciona bem. A justiça tem se tornado depósito e albergue do que não funciona nos laços, e trabalha para que a relação sexual exista.

No mesmo sentido, o novo Código Civil e Comercial de nosso país, que rege desde 2016, oferece um amplo leque de combinatórias para o que chamamos de família, deixando assim à possibilidade de encontrar uma definição a medida da família.

Um efeito particular disso é a criação da figura de “progenitor afim”, sem sexo definido por causa da legalidade do matrimônio igualitário. Um dos efeitos particulares dessa legislação é o “direito a ser mãe”: quando a lei estabelece o parentesco de uma mulher com uma criança, não pela natureza ou por ter parido, senão por afinidade.

Por exemplo: em uma família com um casal de mulheres homossexuais, haveria duas mães, a biológica e a *afim*. Existem então as famílias de mães com filhos, sem pais. Um tipo de reordenação de significantes que depende do real da época: a inexistência da relação entre os sexos, sujeitos a uma economia de gozo na qual um significante mestre vale o mesmo que outro.

Diante dessas novas formas e usos de família, uma resposta válida desde a psicanálise seria aquela que oriente para o *sinthomático*. Poder oferecer as condições de possibilidade de modo que cada qual possa encontrar com seu analista, o seu próprio sintoma e sua crença nele. Poder assegurar a singularidade em cada caso, que faça de limite e também de capitonê perante a dor de existir que produz no sujeito o empurre da técnica na época do Outro que não existe.

#### 4- *Enredos na prática*

Como pensar os *enredos do analista* em relação às *mães sozinhas com filhos sem pais*? Pode nos orientar na cura, se entendemos por enredo, a confrontação com o próprio real do sujeito- analista que surge cada vez na clínica, pelo qual o controle se faz necessário para despejar na cura essa intromissão e poder desenredar-se para voltar a enredar-se, poderíamos dizer, já que é o real com o que contamos para orientarmos e orientar ao sujeito que sofre.

Marie- Helène Brousse nos fala sobre a mudança do estatuto do Nome-do-Pai. “Passamos do Nome-do-Pai como função para aquela da nomeação que vem no lugar anteriormente ocupado pela função Nome-do-Pai, (...) não deve ser considerada como uma função substitutiva do Nome-do-Pai, porque é mais um indicador, a saber, um imperativo de ter que ocupar uma função qualquer”, respondendo de algum modo ao discurso do mestre contemporâneo”(...) “vindo [a mãe] a substituir o pai do nome...”.

Trata-se de mães que dizem o que querem para seu filho, “*uma indicação mínima*” que nomeia e diz o que deve ou não deve fazer a criança, não apenas aquela função de exceção de antes, um pai que fura o real, um significante que nomeia e ordena, quer então dizer, o Outro em posição materna.

Agora, retomando essa viragem epistémica que apresenta J. Lacan em 1974, ele faz uma leitura da época atual. Como pensar especificamente os enredos na prática?

O que fazemos os analistas com isso novo? O que é o novo?

Famílias constituídas de maneira diferente? Sempre houveram mais ou menos aceitadas socialmente.

Mães sozinhas? Sempre houve. Sujeitos nos quais a função paterna não teve efeito, também.

Enredos do analista na prática, consideramos que é a possibilidade de desprender-se dos preconceitos de cada um, pagar com o juízo mais íntimo da própria singularidade para desenredar-se a cada vez. O risco de enredarmos com os próprios conceitos, a fascinação por eles, o entusiasmo.

Muito preocupados com o *sem pai* da época, corremos o risco de fazê-lo ressoar ao modo do escabelo fazendo com que “*sem Pai*” seja uma modalidade quase instalada.

Na época da queda dos semblantes, da pluralização dos Nomes do Pai, ainda que isso gere consequências nos sujeitos e em sua constituição subjetiva, não é suficiente para pensar que *sem pai* é da ordem do absoluto.

J- A Miller nos adverte sobre a herança freudiana de “preservar essa relação com o não quero saber nada disso” à maneira de disciplina como um modo de mantermos afastados do entusiasmo inopinado, e do que J.J. Rousseau assinala como a *divinização* do objeto *a*, e o que Lacan nos diz sobre o como objeto *a* foi levado ao zênite social.

Como é que se faz? Como se consegue não se deixar orientar pelo entusiasmo?

O desapego é a posição que convém ao analista, uma vez que seu ato consiste em desapegar o significado do significante. Ou seja, em reconduzir o significante à sua nudez, (...) o analista representará “o acontecimento de corpo, de semblante de traumatismo” do falasser, para ser considerado como um naco de real.

### **5- De modo a concluir**

O grupo de investigação em que se inscreve essa investigação “Mães sozinhas com filhos sem pais”, nos leva a interrogar como se inscrevem os sintomas que denunciam o que não anda nas coordenadas do Outro que representa a mãe e o pai. Os efeitos que têm para os filhos as novas configurações de par, de famílias, e a ausência em muitos casos, de quem encarna a função paterna ou a dificuldade de inscrição dela, sem desabar na nostalgia de tempo passado nem delírios de familiarização.

Como diz o argumento, partimos do fato de que: “é cada vez mais frequente a existência de famílias sem pai, comandadas por mães sozinhas - que devem se encarregar delas”. Podemos situar primeiro: o estalo do universo paterno e as famílias sem pai, com o qual parece que se fala da função do pai enquanto universal com esse “sem” (Função, Nome do Pai, pai morto).

Na clínica com crianças é frequente receber “mães sozinhas”, solidão que se enlaça a diferentes sentidos. Pode ser o abandono paterno diante da notícia da gravidez, da morte do pai ou da recusa da mãe à figura dele. Em alguns casos a mãe decide continuar sozinha, em outros, isto é vivido como uma escolha forçada. Às vezes, o forçado é a paternidade via o direito, à maneira de obter reconhecimento da lei, o que não garante o homem exercer a função de pai. Basta isso para afirmar “sem pai”? Basta com o pai para educar algo do gozo? Recebemos também mães que decidiram prescindir do homem entanto genitor, recorrendo ou não à ciência para satisfazer a demanda do filho, ou famílias compostas por duas mães. Teríamos de verificar em cada caso o que do pai opera o que permite que a criança não sature o fantasma materno, já que podemos afirmar que “mãe sozinha” não é igual que “só mãe”, senão que se trata de que a mãe seja não-toda mãe, mas tampouco não-toda mulher.

Porém o “sem pai” remete ao lugar que o homem tem deixado vazio, constatamos as consequências para os filhos. A angustia infantil, crianças que fazem própria a responsabilidade do abandono, encoprese, anorexia, inibição no aprendizado, desesperadas demandas de amor, chatice, agressividade ou simplesmente a pergunta que precipita na consulta: “o que acontece com papai que não vem me ver”. Em outros casos a criança não manifesta nenhum desejo ou interesse na figura paterna, mas sobrevém a divisão que provoca a curiosidade infantil pela origem. Verificamos, em um segundo tempo, os modos de satisfação que a ausência inscreve.

Respeito do “com” ou “sem” pai, a afirmação de que o pai é um semblante, uma ficção e que, no último ensino de Lacan, é a linguagem do agente da castração, lança um pouco de luz no assunto. Teríamos de ver o que faz de semblante em cada caso.

A partir dos anos 60, com a conceitualização da criança como objeto não só para a mãe, mas também para o pai, se reconfigura a posição paterna, já não se trata só do semblante paterno, senão a partir do laço com esse objeto que tem o pai. O pai se define a partir

do objeto “a”, “um pai só tem direito ao respeito, senão ao amor, se o dito amor, o dito respeito, é perversamente orientado, quer dizer, faça de uma mulher, objeto *a*, causa de seu desejo (...). Ser pai é então ter tido a perversão particular de se ligar aos objetos *a* de uma mulher.” (Lacan, *RSI*) O homem ocupará um lugar paterno sempre que se ocupe dos objetos *a* de uma mulher, assim fará de uma criança um filho, ocupando-se da mãe, entanto mulher.

Claro que essa perspectiva nos faz pensar na família composta pela mãe, o pai, genitor ou não, e os filhos, mas tem das outras. Onde situamos o lugar da causa nelas? O que separa o que se acha aglutinado da mulher e da mãe, e da mãe e a criança?

Diz-nos Lacan: “Conviria focar melhor, no que podemos exigir da função do pai. Essa história de carência paterna, como a turma se compraz com isso! Há uma crise, isso é fato, não é inteiramente falso. Em suma, o *é-pater* não nos impressiona mais. Esta é a única função verdadeiramente decisiva do pai. Já assinalei que não era o Édipo, que isso já era, que, se o pai fosse legislador, isso nos deixaria como filho o presidente Schreber. Nada mais. Não importa em que plano, o pai é aquele que deve surpreender [é-pater] a família. Se o pai não surpreende [é-pate] mais a família, naturalmente... mas se encontrará melhor! Não é obrigado que seja o pai carnal, há sempre um que surpreende [é-pate] a família (...) Outros a surpreenderão. Podemos pensar que isso da lugar que seja o analista quem surpreenda...”

Os enredos na prática, não se fazem esperar. Podemos ver a si mesmos tentados a restituir o pai, que não seria a mesma coisa que permitir a um pai autorizar-se. A intervenção será distinta conforme se oriente à mãe, ao filho ou ao pai. Na primeira, talvez, a análise permita que a mulher e a mãe não se confundam. Para o filho, se tratará quiçá de obter uma ficção. Para o pai talvez seja autorizar suas palavras, sem delírios de fazer consistir o familiar nem tampouco desfamiliarizar a priori, ou forçar a filiação, mas permitir ao sujeito ter uma versão do familiar que poderá ser feita pela família de origem, ou não.

**Tradução: Josefina Elias**

## Bibliografia consultada e citada

Argumento VIII ENAPOL e XX Encontro Internacional do Campo Freudiano: Assuntos de Família, seus enredos na Prática 2017. <http://www.asuntosdefamilia.com.ar/pt/template.php?file=Argumento.html>

Salman, Silvia, “Una dimensión del lazo: la relación con un deseo que no sea anónimo”. Pág. 87. Mediodicho. N°32. Córdoba 2007

Lacan, Jacques. “O mal-entendido”, Opção lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. N° 72. Edições Eólias, março/2016, p. 10.

Lacan, Jacques. El Seminario, Libro 11, “Los cuatro conceptos fundamentales del Psicoanálisis”. Paidós Bs As. Barcelona, México. 1987

Miller, Jacques-Alain. “El ultimísimo Lacan”. Paidós, Bs. As. Barcelona México. 2012

Freud Sigmund, “Sobre la sexualidad femenina”, Obras Completas, Tomo II, Biblioteca Nueva, pág. 3077

Lacan, Jacques. “O Aturdido”, Outros escritos. No mesmo texto esclarece a relação ao supereu, forma feminina do estrago: “*Seus ditos só podem completar-se, refutar-se, inconsistir-se, indemonstrar-se e indecidir-se a partir do que ex-siste das vias de seu dizer*”. 2003. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro p. 465.

Lacan, Jacques. “El reverso del psicoanálisis”, Seminario 17, pág. 118.

Miller, Jacques-Alain. “A criança entre a mulher e a mãe”. Opção Lacaniana online nova série Ano 5•Número 15 • novembro 2014  
[http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero\\_15/crianca\\_entre\\_mulher\\_mae.pdf](http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_15/crianca_entre_mulher_mae.pdf)

Miller, Jacques-Alain. “El revés de la familia”. Rev. Consecuencias N° 8-2012

Miller, Jacques-Alain. “Coisas de fineza em psicanálise”. Orientação lacaniana III, 11. <https://es.scribd.com/document/19133255/Jacques-Allan-Miller-Coisas-de-Fineza-em-Psicanalise>

Miller, Jacques-Alain. “Cosas de Familia en el Inconsciente” Mediodicho 32. Pag. 11-1993-

Lacan, Jacques. (1999) O Seminário. Livro 5. “As formações do inconsciente”. Jorge Zahar, São Paulo, p. 181.

Lacan, Jacques. “De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis” Escritos 2 -Siglo XXI editores. S.A. México.1980.

Lacan, Jacques. “Dos notas sobre el niño”. Intervenciones y Textos 2. Manantial. Pag 55. 2010

Lacan, Jacques. El Seminario....O peor. Libro 19. Paidós. 2012.

Lacan, Jacques. 1974-1975. O Seminário, Livro 22: R.S.I. (inédito)

Lacan, Jacques. Libro 23. El Sinthome, 1975-1976. Paidós. 2006.

Lacan, J. “Los complejos familiares en la formación del individuo”. Otros Escritos. Bs. As. Paidós.

Lacan, J. Seminario 20. Aún. Pág 166. Paidós.

Laurent, Eric. Parejas de hoy y consecuencias para sus hijos. Carretel 2.

Laurent, Eric. El niño y su madre. Analíticon.

Laurent, Eric. De la sociedad de las mujeres en Mujeres Una por Una. Colección EBP.

Miller, Jacques-Alain. “Em direção à adolescência”  
<http://minascomlacan.com.br/blog/em-direcao-a-adolescencia/>

Miller, Jacques-Alain. “Sutilezas Analíticas”. Paidós. Pág. 55. 2015

Vincens, Antoni. “Madres Contemporáneas” Tomo Verde Madres y Padres. Pág. 63-64. 2014.

Brousse, Marie Helène. “A psicose ordinária à luz da teoria lacaniana do discurso”  
 Latusa digital – ano 6 – N° 38 – setembro de 2009  
[http://www.latusa.com.br/pdf\\_latusa\\_digital\\_38\\_a1.pdf](http://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_38_a1.pdf)

Brousse, Marie Helène. Un neologismo de la actualidad: parentalidad. Enlaces 11.

Laurent, Dominique. “Madre”. El Orden simbólico en el siglo XXI”. Scilicet. Pág. 211.

**Tradução: Josefina Elias**